Penelope Ward

Se beber, não ligue

Tradução: Isadora Sinay

GLOBO LIVROS

Material com direitos autorais

14. Seis

15. Volta para casa

16. É a cebola

17. Me leve para o seu quarto

18. Sem mais segredos

19. Não há cirurgia que cure uma alma quebrada

20. Diga alguma coisa

21. Magnífico pra cacete

22. Abusadinha

23. Rolha de vinho

24. Terapia na banheira

25. Roda-gigante

26. Nada por dizer

27. Férias em casa

28. Não convencional

Epílogo. Landon, dois anos depois

Agradecimentos

Notas

Material com direitos autorais

Sobre a autora

Créditos

Material com direitos autorais

1

Rana Banana

O quarto rodava quando eu desabei na minha cama. Ainda vestida com minha roupa azul e dourada de dançarina do ventre, baixei os olhos para as franjas espalhadas à minha volta.

Não pude nem esperar tirar minha roupa de trabalho para abrir aquele vinho. A garrafa de Shiraz que eu ainda segurava estava agora vazia. Ela escorregou da minha mão mas, por sorte, não quebrou. Pelo menos não ouvi nada se partindo.

Não era a primeira vez que eu chegava do trabalho e imediatamente abria uma garrafa de vinho. Mas esse dia tinha sido particularmente difícil. Eu me sentia afogada em tristeza.

E eu nem sabia por quê.

Quando me via afundada nesse terreno melancólico, por alguma razão eu sempre acabava pensando no Landon. Não tinha ideia de por que, depois de treze anos, eu ainda pensava naquele garoto. Quer dizer, tecnicamente ele já é um homem.

Eu me forcei a levantar e fui tropeçando até o armário. Depois de abrir a mochila de lona preta, enfiei minha mão dentro, vasculhando pelas dezenas de bilhetes que ele havia me deixado. Cada um estava dobrado em forma de triângulo. Escolhi um ao acaso e o abri.

Rana Banana,

Eu gostaria de ter tanto pelo no braço quanto você.

Landon

PS: Você me deixaria trançá-lo?

Material com direitos autorais

Meu nome se pronuncia RAH-na, então Landon costumava me chamar de RAH-na Ba-NAH-na. Por um breve período da minha vida, ele foi tudo para mim.

Aos treze anos eu era uma moleca, e morava com meus pais em uma garagem reformada na propriedade dos pais de Landon, em Dearborn, no Michigan. Eles a haviam transformado em um apartamento, com uma pequena cozinha e um banheiro. Eu não tinha muita coisa além do teto sobre a minha cabeça e, bem, os pelos no braço.

Enquanto o pai de Landon era um executivo na Ford, meu pai, Eddie Saloomi, trabalhava em uma padaria no centro da cidade e ganhava só o suficiente para pagar as contas. Minha mãe, Shayla, que era bem mais jovem que meu pai, nunca trabalhou.

O casamento dos meus pais foi arranjado. Papai preferia que minha mãe ficasse em casa e cuidasse de tudo. Na realidade, tudo que ela realmente fazia era cozinhar de vez em quando, entre idas ao shopping para roubar roupas na Macy's. Ela também fazia ligações escondido para seu namorado, que tinha uma idade mais próxima da dela. Quando era criança só me lembro da minha mãe estar infeliz durante a maior parte do tempo. Também me lembro de pensar que ela era, fisicamente, a mulher mais linda do mundo. Enquanto Shayla tinha feições suaves, eu havia herdado o nariz e a monocelha do meu pai. Eu também era mais peluda que as outras meninas da minha idade. Talvez fosse por isso que Landon me tratava como um menino. Ele certamente não sabia que eu tinha uma queda por ele. Também não tinha como saber que passar um tempo com ele todo dia depois da aula era o sentido da minha vida.

Minha temporada no apartamento em Dearborn foi breve. Os pais de Landon acabaram nos expulsando por atrasar o aluguel, e lembro de sentir que meu mundo tinha acabado.

Em dois dias meu pai colocou tudo dentro de sua velha caminhonete Toyota e nos levou para viver com meus avós, do outro lado do estado.

Nunca mais vi Landon.

Material com direitos autorais

Preferi não dizer adeus. Ele nunca veio se despedir de mim, também. Eu estava incrivelmente brava com ele, como se ele pudesse ter feito algo para evitar o despejo. Foi um jeito horrível de as coisas terminarem.

Ao longo dos anos, pensei muito em Landon. Porém jamais planejei procurá-lo ou entrar em contato com ele.

Até agora.

Por que esse impulso, repentino, em uma quinta-feira qualquer? Eu não fazia a menor ideia.

Redobrei o bilhete e o coloquei de volta na mochila. Quando passei pelo espelho, notei meu rímel escorrendo. A maquiagem pesada realçava meus olhos verdes assim como minha pele morena realçava meu cabelo preto. Apesar da bagunça, gostei do que vi e detestava me sentir assim. Mas eu havia me esforçado muito para ter essa aparência. E, claro, provavelmente o álcool havia me dado uma falsa sensação de confiança.

Eu me pergunto o que você acharia de mim agora, Landon.

Uma coisa eu sabia com certeza: ele não reconheceria Rana Saloomi se a visse na rua.

Eu tinha uma ideia particular sobre como Landon estaria agora, imaginando que ele tinha feito uma boa faculdade, teria um bom emprego, uma bela esposa ou namorada. Eu o imaginava feliz. Imaginava que ele nunca pensava em mim. Estava obcecada com a *imagem* que eu fazia de Landon, e não conseguia entender por que isso era importante. Era tudo coisa da minha cabeça, mas de alguma forma a felicidade dele era um reflexo da minha própria *infelicidade*.

Apesar da minha confusão a respeito desse sentimento duradouro por Landon, agora, em meio aos vapores etílicos, eu só tinha raiva. Queria *falar* com ele. E não havia ninguém sensato por perto para me dissuadir. Era minha única chance. Ligar para ele essa noite parecia cada vez mais uma ideia brilhante.

Abri meu laptop, entrei no Google e procurei por Landon Roderick. Um número de telefone apareceu em Los Angeles.

Los Angeles?

Seria mesmo ele?

Material com direitos autorais

Se sim, provavelmente ele não se lembraria de mim. Mas não importava. Incapaz de convencer meu eu bêbado do contrário, precisava falar com ele. Precisava que ele soubesse o quão escroto foi o que os pais dele fizeram. E precisava que ele soubesse que ele não era melhor do que eu. Basicamente, eu precisava dizer as coisas que vinha gritando para ele apenas na minha imaginação ao longo de todos esses anos.

Disquei e ouvi chamar.

Uma voz profunda e grave surgiu na linha.

— Sim…

Meu coração acelerou.

— Landon?

— Quem é?

— Eu sei que você não se lembra de mim. Bem, com sua vida chique na Califórnia e tudo mais.

— Perdão?

— Mas tem uma coisa que você precisa saber. Eu tinha sentimentos.

— Que porra é essa? O quê? — Ele repetiu: — Quem é?

— Talvez você só me visse como a pequena moleca gordinha com o corte de cabelo horroroso e os braços peludos, só a garota que morava na sua garagem. Mas eu me *importava*. Não só isso, eu te admirava. Eu esperava ansiosa cada dia que ia passar dando voltas com a minha bicicleta na frente da casa enquanto você andava de skate em volta de mim. Ainda tenho todos os seus malditos bilhetes. Eu nem sei por que guardei eles. Enquanto isso, aposto que você nem se lembra de quem eu sou. Nãoooo… não o Landon-que-caga-cheiroso-Roderick… em sua mansão em L.A., bom demais para se lembrar das pessoas pequenas. Caso você esteja se perguntando o que raios aconteceu comigo, bem, tudo virou um inferno depois que a gente se mudou. Minha mãe foi embora. E minha vida nunca mais foi a mesma. Então, mesmo que você não se lembre de quem eu sou, eu me lembro de você. Infelizmente, a última vez que eu fui feliz foi com você.

Material com direitos autorais

Com lágrimas escorrendo pelo rosto e sem ter mais o que dizer, eu desliguei e atirei o telefone do outro lado da cama.

E então bateu.

Ah, merda.

Ah, não.

O que que eu fiz?

Meu coração estava acelerado. O quarto estava rodando ainda mais rápido.

Alguns segundos depois, o telefone começou a tocar. Abraçando os joelhos contra o peito, eu simplesmente fiquei olhando para ele como se fosse uma bomba que explodiria quando eu atendesse.

Não. Eu *não ia* atender. Eu já fiz papel de palhaça. Quando o telefone parou de tocar, dei um suspiro de alívio que mal durou até ele começar de novo. Mas mesmo assim não atendi. Por fim, parou — por uns cinco minutos.

Então, começou a tocar de novo.

Eu finalmente levantei o telefone e olhei o identificador de chamadas: *L. Roderick.*

Ajeitei minhas costas contra a cabeceira, respirei fundo e me preparei para atender.

Pigarreei e fiz o melhor que pude para parecer uma mulher sensata, uma que talvez tenha exorcizado um demônio bêbado para fora de si nesse minuto.

— Alô?

Ele respirou fundo. Houve um instante de silêncio, até que ele afinal disse:

— Rana Banana?

Material com direitos autorais

2

Ele disse, ela disse

Ouvir essas palavras ditas naquela voz profunda era verdadeiramente surreal. Desde quando Landon tinha *essa* voz?

Eu por fim respondi:

— Sim.

Ele respirou de novo.

— Que merda. Maldita Rana Banana.

— Olha… Só esqueça que eu liguei, ok? Volte a fazer o que você estava fazendo. Finja que isso nunca aconteceu. — Eu estava prestes a desligar quando a voz dele me impediu.

— Espera.

Eu não disse nada, mas continuei na linha.

— Você está aí? — ele perguntou.

Minha voz era baixa.

— Sim.

— É para eu esquecer que esse telefonema aconteceu?

— Claro. Assim como você esqueceu que eu existia.

— Do que você está falando?

— Como você pode me perguntar isso? Seus pais jogaram a gente na rua. Você nunca nem veio se despedir. Na verdade, você magicamente desapareceu durante a coisa toda.

A voz dele ficou mais alta.

— Espere um minuto. Primeiro, eu *pensei* em você, *muito*, se você quer saber. Isso me assombrou, na verdade. E, segundo, você entendeu tudo errado.

Material com direitos autorais

— Como?

— Meus pais não *expulsaram* vocês. Eles me disseram que seus pais *foram embora* sem pagar o aluguel. Eu me lembro de entrar lá depois e ajudar a limpar metade das coisas que vocês deixaram para trás.

— Bem, *seus* pais mentiram. Nós fomos forçados a sair.

— Olha, aparentemente esse é um caso de "ele disse, ela disse". O importante é, nunca existiu essa história de não querer me despedir de você. Eu não estava lá quando tudo aconteceu. Eu tinha ido visitar minha vó por uns dias. Ninguém me disse que você estava se mudando até depois que já tinha acontecido. Eu voltei e você não estava mais lá.

Eu não sabia como lidar com isso. Ou ele estava mentindo, ou meus pais tinham mentido para mim. De qualquer forma, eu me senti como uma completa idiota.

— Olha. Mais uma vez, esse telefonema foi um erro. Não faz sentido revirar tudo isso treze anos depois, de qualquer forma. Tenha uma boa…

— O que fez você ligar hoje?

— Eu estava bêbada.

— Você me ligou bêbada?

— Sim.

— Você ainda está bêbada?

— Infelizmente já está passando.

— Como você conseguiu meu número?

— Você é o único Landon Roderick nos Estados Unidos, aparentemente.

— Sorte a minha. Por que você está bêbada em uma quinta à noite?

— Existem respostas demais para essa pergunta. Deixa eu ver. Fui assediada no trabalho de novo. Estou atrasada com o aluguel desse mês. Sei o que você está pensando, que pelo jeito algumas coisas nunca mudam, certo? Ah! E meu *roommate* é um psicopata. Tenho certeza de que ele está planejando minha morte nesse momento. Devo prosseguir?

Material com direitos autorais

— Que merda! — Ele riu.

— Pronto para desligar, Landon?

— Você está brincando? Agora que começou a ficar bom?

— Você não tem nada melhor para fazer? O que estava fazendo quando eu liguei?

— Só estava fumando na minha varanda — ele disse. — Minha casa tem vista pro mar. Mas não é uma mansão. Perdão por te decepcionar.

— Você fuma? Você não costumava fumar.

— Eu tinha treze anos quando a gente se conhecia. Naquela época eu mal sabia onde ficavam as minhas bolas. Muita coisa pode mudar em treze anos.

— Isso sem dúvida.

— Tempo suficiente para foder com tudo e desenvolver maus hábitos.

Dei um suspiro.

— É.

— Como ligar bêbada pras pessoas numa quinta à noite. Você já fez outras vítimas inocentes? Ou apenas eu?

— Na verdade, acho que *jamais* tinha feito isso antes.

— Bem… que você se lembre.

Não pude fazer nada além de rir. A risada dele se seguiu à minha, e o clima ficou mais leve.

Pude ouvir ele acendendo outro cigarro antes de dizer:

— Espere um minuto. Você disse que foi assediada no trabalho. O que que você faz? É agente penitenciária ou coisa assim?

— Por que você pensou nisso?

— Não sei. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça, acho.

— Eu sou dançarina do ventre.

— O quê? Para com isso!

— Por que você acha difícil de acreditar nisso?

— Você costumava se vestir como um garoto… roupas largas. Eu só não consigo te imaginar dançando por aí e tal.

— Bem, como você disse, muita coisa pode mudar em treze anos.

Material com direitos autorais

— Aparentemente — ele expirou profundamente. — É bom ouvir sua voz, Banana.

— A *sua* voz ficou bem diferente. Você soa como um homem.

— Da última vez que eu conferi, eu *era,* de fato, um homem. Pensei que você também fosse, em certo ponto.

— Babaca.

— Estou brincando, Rana… um pouco.

Bufei.

— Bem, é melhor eu te deixar em paz.

— Espera… só mais uma pergunta. Por que você acha que seu *roommate* está tentando te matar?

— Ok, bem, o nome dele é Lenny. Eu botei um anúncio procurando um *roommate* um tempo atrás. Não estava conseguindo trabalho, e não estava dando para pagar o aluguel. Lenny respondeu ao anúncio. Ele não fala muito comigo, mas às vezes resmunga coisas. Eu tenho a impressão de que ele está obcecado por mim, mas me odeia ao mesmo tempo, se é que isso faz sentido.

— Não faz sentido, não. Mas nem você faz, na verdade. — Ele riu. — O apartamento está no seu nome… o aluguel?

— Sim.

— Então por que você não o expulsa, se ele é esse maldito estranho?

— Porque eu tenho medo que ele me mate.

— Então você tem medo de morar com ele, mas também tem medo de expulsá-lo.

— Mais medo de expulsá-lo, sim. Ele não tentou nada. É só… uma sensação que eu tenho.

Landon estava gargalhando.

— O que é tão engraçado?

— Você. *Você* é engraçada. E não é pouco, não, é muito engraçada. Na verdade, não consigo me lembrar da última vez que ri assim. — E sussurrou: — Merda. Essa é uma surpresa interessante.

Então, eu ouvi a voz de outra pessoa. Uma mulher chamou: "Landon? O que você está fazendo?".

Ela parecia ter um sotaque.

Material com direitos autorais

Ele respondeu: "Já vou. Eu preciso terminar essa ligação".

— Quem é? Você é casado?

— Não.

— É sua namorada?

— Não. Eu não tenho namorada.

— Então, quem é?

— O nome dela é… hmm…

— Você não sabe?

— Valéria.

— Venéria?

Ele riu.

— Valéria.

Claramente eu havia interrompido algum tipo de encontro.

— Bem, vou te deixar voltar para ela.

— Não desliga. — O tom dele era urgente.

— Tenho certeza de que você precisa voltar para a *Valéria*.

— Não, não preciso. Ela já voltou para o quarto, de qualquer forma. Ela não está mais aqui.

— Bom, você não quer deixá-la esperando.

— Ela pode esperar.

— É melhor eu ir.

— Rana, não desligue ainda. Você vai me ligar bêbada de novo? Acho que ainda não ouvi o suficiente das suas maluquices.

— Boa noite, Landon. — E desliguei.

Meu coração estava disparado. Tudo parecia surreal. Aquilo tinha acontecido de verdade?

Que estranho ele estar com uma mulher e ficar conversando comigo.

Não consegui dormir naquela noite. Tudo em que eu conseguia pensar era na imagem de Landon fumando de frente para a praia na Califórnia. Fantasiei com a brisa do mar enquanto me perguntava qual seria a cara dele hoje.

Quando a insônia não arrefeceu, levantei da cama e fui até o armário, peguei a mochila de bilhetes e escolhi um ao acaso.

Material com direitos autorais

Kana Banana,

Por que suas roupas sempre têm cheiro de temperos esquisitos? Me dá vontade de ir ao Taco Bell.

Landon

P.S.: Você acha que seu pai pode nos levar ao Taco Bell alguma hora?

Material com direitos autorais

3

Me mostre você

Na tarde seguinte, passei pelo meu *roommate* quando estava saindo.

— Bom dia, Lenny.

Ele apenas grunhiu e carregou seu almoço até o quarto. Eu não me importava se ele fingia que eu não existia, desde que não me incomodasse nem me assassinasse durante o sono.

Saltando poças, corri para o ponto de ônibus quando meu celular vibrou.

Atendi sem ver quem era.

— Alô?

Não esperava ouvir a voz dele.

— Acho que a coisa terminou meio estranha ontem à noite.

— Tenho certeza de que a coisa toda foi estranha, Landon. Não só o fim.

— Bem, eu prefiro finais felizes.

— Disso eu não tenho dúvida.

Ele riu.

— Ei, queria ter te perguntado antes de você desligar na minha cara… Você algum dia conseguiu resolver um cubo mágico?

Que pergunta estranha. Então me lembrei que em um certo momento conseguir combinar todas as cores do cubo era um objetivo importante na vida.

— Não. Não consegui.

— Nem eu. Não foi por falta de tentativa. Mas imaginei que talvez você também nunca tivesse conseguido.

Material com direitos autorais

— Como você tinha tanta certeza de que eu nunca tinha resolvido?

— Bem, para começar, você deixou seu cubo para trás no apartamento. Não deve ter dado para se dedicar muito. Eu ainda tenho ele.

Aquilo me surpreendeu bastante.

— Você tem?

— Sim.

— Você o levou para Califórnia?

— Levei.

— O que te fez me ligar agora?

— O mesmo motivo que te fez ligar ontem à noite… curiosidade? Exceto que, preciso admitir, eu não estou bêbado.

A vergonha pelo meu comportamento de ontem ainda não tinha passado.

— Bem, eu estou com um pouco de pressa agora, então…

— Aonde você está indo?

— Eu visito uma garota de dez anos uma vez por semana, é parte do Programa Irmã Mais Velha de Detroit. O nome dela é Lilith. Eu passo na casa dela e a levo para sair.

— Então você é como uma mentora…

— É.

— É muito legal da sua parte fazer isso.

— Bem, sim, mas eu meio que sinto como se *ela* fosse a irmã mais velha às vezes. Ela é bem madura para a idade, e em muitos dias sou eu que preciso de companhia.

— Mas acho que é esse o espírito. Quanto tempo você passa com ela?

— Algumas horas. Preciso ir direto para o trabalho depois de deixá-la em casa.

— Ah, verdade. A dança do ventre.

— Sim. É em um restaurante grego. É só temporário. Paga as contas por enquanto. Não pretendo fazer isso para sempre.

— Eu acho incrível, não tem nada do que se envergonhar.

— Eu não estou… envergonhada.

Material com direitos autorais

— Eu queria poder ver pessoalmente.

— É, isso não vai acontecer. — Mudando de assunto, perguntei: — O que você faz… como trabalho?

— Eu meio que faço de tudo. Atualmente eu sou aspirante a chef de cozinha, mas não exatamente um Wolfgang Puck nem nada assim.

— Muito bem. Bom, é melhor eu ir. O ônibus está vindo.

— Você anda de ônibus?

— Sim. Eu não tenho carro no momento.

— Não tem dinheiro?

Sem saber se admitia, eu suspirei.

— Eu não sei dirigir, na verdade.

— Mesmo? Nunca aprendeu?

— Correto.

— Por quê?

— Ninguém nunca me ensinou.

— Merda. Eu não conseguiria sobreviver sem dirigir.

— É, bem, sorte que existem ônibus.

— Algum dia você vai aprender?

Esse era um ponto dolorido, algo que me envergonhava, e eu realmente não queria falar no assunto.

— Não sei.

— Quanto mais você esperar mais difícil vai ficar, você sabe, né?

— É, eu sei bem disso, já que nesse momento estou na chuva esperando o ônibus.

— Que merda. Isso me dá vontade de te ensinar a dirigir.

— Não, isso não vai acontecer. De qualquer forma, eu tenho que ir. Eu…

— Posso te ligar mais tarde? — ele cortou.

— Por quê?

— Eu sinto que não terminamos de falar sobre o que aconteceu. Você sabe… quando você foi embora.

— Você quer dizer quando eu fui *expulsa*.

— Não, quando…

— Isso não importa mais…

Material com direitos autorais

— Claramente importa para você, se depois de treze anos você ainda está pensando nisso o suficiente para eu ser a primeira pessoa para quem você liga bêbada. Acho que precisamos, talvez… esclarecer umas coisas. Vou te ligar bêbado mais tarde.

Fiquei em silêncio, enquanto o ônibus freava bruscamente à minha frente e as portas se abriam.

Enquanto passava meu cartão, falei:

— Você vai ficar bêbado e ligar para *mim?*

— Claro, por que não? Olho por olho. A que horas você chega em casa?

Me sentando, eu perguntei:

— Ligações bêbadas não deviam ser espontâneas?

— Você prefere que eu te surpreenda em um momento inoportuno?

Ele tinha razão. Pelo menos assim eu estaria preparada.

— Vou estar em casa por volta das onze, meu fuso horário.

— Ok… eu te ligo. — Ele soava irônico. — E eu estarei bêbado.

Eu ri, enquanto olhava em volta para checar se alguém estava observando meu comportamento tolo.

— Ok.

— Esteja preparada, Rana.

Lilith estava batendo o pé enquanto me esperava na varanda.

— Você está atrasada.

Nada como ser criticada pela criança para quem você deveria dar um bom exemplo.

— Eu sei, me desculpe. O ônibus sempre demora mais na chuva.

— Você precisa de um guarda-chuva?

— Você tem um sobrando?

Ela correu para dentro e me trouxe um, pequeno e barato, que eu sabia que não aguentaria esse vento.

— Onde vamos? — ela perguntou.

— Froyo?

— Achei que você tivesse parado de comer açúcar.

Ela parecia uma velhinha mandona às vezes.

Material com direitos autorais

— Eu parei. Eles têm um sem açúcar. O de baunilha.

Ela deu de ombros:

— Ok.

Quando chegamos à loja de *frozen yogurt*, cada uma de nós pegou um dos potes verde florescente e o encheu com o máximo de iogurte e cobertura que podíamos. Eu preferia uma mistura de chocolate e nozes, enquanto Lilith sempre escolhia minhocas de goma e cereal Cap'n Crunch.

Ao dar uma olhada na minha montanha de iogurte coberta de doces, ela cortou minha onda.

— Está boa a sua dieta sem açúcar?

— Ok, eu me rendo. — Dei uma piscadela.

Sentamos numa mesa laranja brilhante que estava ligeiramente melada por conta do cliente anterior.

Lilith e eu comemos em silêncio, até que ela falou.

— Por que você vem me ver?

— O que você quer dizer?

— Por que você aparece toda semana? Minha mãe diz que eles não te pagam.

— Eu me sinto bem com você, me faz sentir como se estivesse contribuindo com o mundo ao ser um modelo para você, já que eu não tive ninguém quando estava crescendo.

— Mas tem vezes que você parece triste.

— É, bem, talvez eu esteja assim quando chego, às vezes, mas sempre saio mais feliz depois de ter te deixado em casa. O que você acha?

Ela esticou o braço e tirou um pedaço de Kit Kat do meu pote.

— Ok, eu acredito em você.

Terminei antes dela, então me dividi entre assisti-la comendo e olhar pela janela, para o estacionamento. A conversa com Landon começou a passar na minha cabeça, e eu devia estar sorrindo quando Lilith interrompeu meus pensamentos.

— Terra chamando Rana. Por que você está rindo?

— Estou?

— Sim. Você estava olhando pela janela e rindo. Parecia boba.

Material com direitos autorais

— Bem… — suspirei. — Hoje foi um dia engraçado.

— Por quê?

— Alguém do passado me ligou e me fez rir.

— E você estava pensando nisso agora?

— Sim.

— Ele foi seu namorado?

— Definitivamente não, não.

— Então, quem?

Hesitei, enquanto pensava em como resumir Landon para ela.

— Ele é alguém que eu conhecia quando era só um pouco mais velha que você. Nós brincávamos juntos, meio como você faz com seu amigo, Jasper.

— Então ele coloca a mão por baixo da sua blusa?

Meus olhos quase saltaram das órbitas.

— O quê?

— Brincadeira.

— Não me assuste. — Coloquei a mão no peito. — Sua pestinha.

Ela brincou com a minhoca que estava metade pra fora da boca.

— Que tipo de coisas vocês faziam?

— Nós passeávamos, conversávamos, andávamos de bicicleta… essas coisas.

— Por que ele te ligou?

— Eu liguei pra ele, na verdade, na noite anterior, então ele estava me ligando de volta, eu acho.

— Você vai encontrar com ele?

— Não, ele mora na Califórnia.

— Eu sempre quis visitar a televisão.

Franzi a testa.

— O quê?

— Tudo na TV fica lá. Califórnia é a televisão para mim.

— Ah. — Sorri. — Bem, talvez nós possamos viajar para lá um dia, quando você for mais velha.

— Meus pais não vão deixar.

— Bom, quando você for mais velha, você mesma pode decidir isso.

Material com direitos autorais

— Até lá nós não vamos mais nos encontrar.

Me machucou ouvi-la dizer isso. Será que ela presumia que eu iria abandoná-la em algum momento?

— Por que você acha isso?

— Você vai cansar. E eu vou estar velha demais para essa coisa de Irmã Mais Nova.

— Não tenha tanta certeza. Eu meio que gosto de te perturbar toda semana. Vai ser um hábito difícil de quebrar.

Lilith mudou abruptamente de assunto.

— Alguém já te chamou de Jasmine?

— O que você quer dizer?

— Você parece com a Princesa Jasmine, de *Aladdin*, apesar da sua pele ser um pouco mais clara e seus olhos serem verdes. Seu cabelo é exatamente igual ao dela. Você finge que é ela quando dança naquele lugar de *gyro*?

— *Aquele lugar de* gyro. — Dei uma risada. — Você é engraçada.

Eu mal tinha tirado minha roupa de dança do ventre quando saí correndo para atender o telefone, que tocou às onze horas em ponto.

Atendi, ofegante:

— Alô?

Landon parecia cheio de energia.

— Ei!

— Você parece… feliz. Você está bêbado?

— Honestamente? Eu *estou* bebendo, mas sou bom nisso, então infelizmente não estou bêbado como pretendia.

— Você fracassou nessa coisa de me ligar bêbado.

— Eu sei. Sou mais do tipo que liga altinho. — Ele riu. — Então, como foi o trabalho?

— Foi ok. Meus pés estão cansados.

— Quando você aprendeu dança do ventre, aliás?

— Eu aprendi sozinha. Tutoriais em vídeo. Tenho a aparência exótica, então achei que servia pra isso. Levei um tempo para aprender e achar um trabalho, mas estava determinada e finalmente aconteceu.

Material com direitos autorais

— Ainda não consigo te imaginar fazendo dança do ventre.

— É porque você está pensando na Rana Banana rechonchuda.

— Talvez. Então… você está diferente? Como você está agora?

— Você não vai descobrir.

— Estou começando a desconfiar disso. Tentei te achar nas redes sociais, mas eu não consigo lembrar de jeito nenhum como se soletra o seu sobrenome. O melhor que consegui foi Salami.

Rindo, eu o corrigi:

— É Saloomi, com dois ós. Mas eu deletei todas as minhas redes sociais e não existem fotos minhas que você possa encontrar.

— Eu também não tenho Facebook — ele disse.

— Eu sei.

— Ah, então você me procurou antes de me ligar bêbada? Foi tipo um prelúdio para me ligar? Acho que devia agradecer. Se você pudesse ter só me estalqueado, talvez nunca tivesse ligado.

Eu rapidamente mudei de marcha.

— Sobre o que você achava que precisávamos falar?

— Você parece ter algumas ideias erradas sobre mim que precisam ser esclarecidas. Quando você me ligou pela primeira vez, começou a cuspir um monte de merda, a presumir coisas. Você disse que eu pensava que eu cagava cheiroso. Também presumiu que eu morava numa mansão. Que merda foi aquela? Parece que você pensa que eu me acho rico e poderoso.

— Não, só acho que você é poderosamente rico. — Ri. — Brincadeira. Desculpa, eu não estava pensando direito quando falei aquelas coisas.

— Ok, mas álcool é basicamente um soro da verdade. Essas ideias já estavam lá antes daquela noite. Queria deixar uma coisa clara, Rana. Eu nunca pensei que era melhor que você só porque tínhamos mais dinheiro. Nunca pensei nessas coisas. Aliás, meus pais não me sustentam mais. Eu segui meu próprio caminho há muito tempo.

— Onde eles estão agora?

— Eles ainda estão no Michigan.

— Como você foi parar na Califórnia?

Material com direitos autorais

— É uma longa história. Quero que você me conte o que aconteceu com você antes.

— Nesse caso, vou precisar de uma bebida.

— Bem, por favor, providencie alguma. Você está atrasada para a festa.

— Espera aí.

Corri até a cozinha e me servi uma taça do Chardonnay que estava na geladeira.

Ao voltar para o quarto, deitei na cama e pus os pés para cima.

Dei um longo gole e comecei a me abrir.

— Você se lembra da minha mãe.

— Sim. Ela era tipo uma adolescente, comparada ao seu pai.

— Sim. Você sabe, eles tiveram um casamento arranjado. Ela nunca foi apaixonada por ele e não estava pronta para ser mãe e esposa. Bom, ela basicamente foi embora assim que nos mudamos. Fugiu com o namorado. A última coisa que soube é que ela estava morando em algum lugar em Ohio. Eu não a vejo há mais de uma década.

— Sinto muito.

Respirei fundo para abafar a dor de pensar nela e continuei:

— De qualquer forma, meu pai descontou a raiva dele por conta de tudo isso em mim. Ele se tornou super-rígido. Não queria que eu acabasse como Shayla… como uma piranha, na cabeça dele. Eu não podia ir a lugar nenhum, fazer nada. Mas eu me rebelava pelas costas dele. Muita coisa aconteceu, mas, em resumo, eu fugi de casa por um tempo no fim da adolescência, depois da formatura no colégio. Meus avós me deram um dinheiro que deveria ser para a faculdade e eu gastei em outras coisas. Me sinto muito culpada por isso.

— Bom, você era jovem e estúpida.

— Muito.

— Você ainda mora perto dos seus avós?

— Não. Ironicamente, eu me mudei de volta para Dearborn, alguns anos atrás. Meu pai veio atrás.

— Como é seu relacionamento com seu pai agora?

Material com direitos autorais

— Estamos trabalhando nisso. Estamos mais próximos do que antes.

— Fico feliz em ouvir isso. O que ele acha da dança do ventre?

— Ele não ama. Mas precisa aceitar. Ele sabe que estou guardando dinheiro para voltar a estudar e também para devolver o dinheiro dos meus avós.

— O que você quer estudar?

— Eu vivo mudando de ideia, mas ultimamente acho que gostaria de ter uma creche algum dia. Então, talvez Pedagogia ou Psicologia Infantil.

— Muito legal.

Eu me acomodei melhor na cama.

— Ok, então me diz como você foi parar na Califórnia.

— É complicado, mas o ponto chave é que quando eu fiz dezesseis anos meus pais me disseram que eu era adotado.

O quê?

Eu definitivamente não estava esperando por essa.

— Jim e Marjorie não são seus pais biológicos?

— Não — ele suspirou. — Então, quando eles soltaram essa bomba, passei por um período difícil, vim para cá quando tinha dezoito anos.

— Você fez faculdade aí?

— Não. Na verdade, eu nunca fui pra faculdade.

— Deus, você sempre foi tão inteligente. Eu sempre te imaginei indo para uma faculdade de ponta, Ivy League e tal.

— Eu almocei no Ivy — ele brincou. — Isso conta?

— Acho que não. — Ri. — Por que você escolheu a Califórnia?

— Foi onde eu nasci.

— Você foi procurar sua mãe biológica?

— Eu vim por causa disso, mas não fui atrás dela de cara. Levei um tempo pra tomar coragem.

— Você a encontrou?

— Sim, mas é coisa demais para entrar nisso agora, e não estou no espírito certo. Eu acho que é uma história para outra hora, ok?

Vai haver outra hora?

Material com direitos autorais

— Sem problemas.

— Merda. Isso matou totalmente o clima. Rápido, Rana, me conta alguma coisa engraçada.

Revirando meu cérebro, eu disse:

— Hoje eu flagrei meu *roommate* dormindo com minhas leggings em cima da cara dele.

— O cara que quer te matar?

— Isso.

— Aparentemente ele quer cheirar sua xoxota também.

— Ele estava apagado. Foi estranho.

— Isso é bizarro.

— Foi engraçado o bastante pra você?

— Tem mais?

— Alguém derrubou queijo feta no meu decote quando foi jogar dinheiro em mim hoje à noite. Só percebi quando cheguei em casa.

— Ah, sanduíche de feta. Vou começar a te chamar de tetas de queijo. — Ele estava gargalhando. — Deus, Rana, faz séculos que não rio assim. Eu estou chorando.

— Como vai Malária, aliás?

Ele riu ainda mais.

— Valéria…

— É. Que seja.

— Ela é russa.

— Ela é sua "foda amiga"?

— Eu não sei o que ela é. — Ele pausou. — Duvido que a gente se veja de novo. Não teve química.

— Mas você dormiu com ela mesmo assim.

— Você está me julgando por isso?

Um pouco.

— Não.

— Eu acho que talvez você esteja. — Ele pareceu um pouco irritado.

— Não é que eu te culpe por tirar vantagem disso, mas acho que só não gosto da ideia de um homem usar mulheres para o sexo e depois nunca mais ligar para elas.

Material com direitos autorais

— O que te faz pensar que fui eu o agressor? Se uma mulher me persegue… me implora por sexo… eu cedo… como isso é usá-la? Nem todas as mulheres estão procurando algo mais que uma noite. Algumas das mulheres que eu vejo por aqui são piores que homens na busca por diversão sem compromisso. Se eu for sincero sobre o que quero e não quero logo de cara, como posso estar machucando essa pessoa?

Ele estava fazendo eu me sentir idiota. Landon estava certo. O comportamento dele provavelmente era normal para um homem solteiro morando em L.A. Ele só não percebeu que estava falando com alguém que tinha uma coleção de dificuldades com sexo.

— Não acho que você está machucando ninguém. Me desculpe por tirar conclusões precipitadas.

— Você não acha que eu quero uma conexão mais profunda com alguém? Eu só não encontrei isso. No meio tempo, não acho que tenha nada errado com encontrar parceiras sexuais com expectativas equivalentes, desde que você o faça com segurança e não machuque ninguém.

— Ok, obrigada pela aula. Vamos mudar de assunto.

— Parece que esse tópico está te deixando um pouco desconfortável. Isso te lembra uma experiência ruim? — Ele parecia genuinamente preocupado.

Todas as experiências sexuais que já tive.

Suando, eu disse:

— Eu realmente gostaria de mudar de assunto. Podemos?

— Sim. Estou morrendo de vontade de saber como é sua aparência. Vamos falar disso. Você me mandaria uma foto?

Ok, ele escolheu um tópico ainda pior.

— Não.

De jeito nenhum.

Nunca.

— Por favor!

— Não estou pronta.

— Então *descreva* para mim como você é.

— Como você acha que eu sou?

Material com direitos autorais

— Eu fico pensando em você com a aparência de antes, mas com uma roupa de dançarina do ventre. É confuso. Sinceramente não sei o que imaginar.

— Então você me vê com o cabelo preto e curto e uma monocelha?

— Foi você quem disse, não eu. Mas meio que sim.

Fechando os olhos, eu disse:

— Eu te imagino com cabelo loiro escuro, comprido, um tipo meio surfista.

— Eu moro perto do mar, em Venice Beach, mas eu não sou surfista, nem me pareço com um.

— Você não costumava ter cabelo castanho alourado?

— Está mais escuro agora, como muitas coisas em mim.

O que isso quer dizer?

Eu queria explorar isso mais a fundo, mas só perguntei:

— Como é Venice Beach?

— Bem, você sabe que eu costumava amar andar de skate.

— Sim.

— Isso não mudou. Eu melhorei. Temos um ótimo parque de skate aqui, que eu amo. É onde eu vou nos meus dias de folga. No geral, Venice é legal. É meio que uma mistura de artistas e operários com a gente rica da tecnologia e os sem-tetos. Vamos ver… o que mais? Tem um calçadão, e as pessoas vêm pra cá por causa da praia e para ver os artistas. Há um famoso *freak show* no teatro daqui também e, antes que você pergunte, não, eu não faço parte dele.

— Eu não teria pensado nisso, mas provavelmente eu seria bem aceita.

Ficamos acordados conversando por um tempo, até eu não conseguir mais ficar de olho aberto.

Depois dessa noite, não soube dele por alguns dias.

Então, uma noite, recebi uma mensagem do número de telefone dele. Era a primeira vez que ele me mandava uma mensagem.

Fui conferir e vi que ele tinha mandado uma foto.

Engasguei.

Material com direitos autorais

Era um homem cheio de tatuagens diante do pôr do sol sobre o mar. *Meu deus.* Era ele — uma *selfie*.

Porra. Ele é lindo.

Eu nem teria percebido que era Landon se não fosse pelos olhos azuis, que eu reconheci imediatamente. O cabelo bagunçado e cor de caramelo que eu me lembrava do passado agora era um castanho mais escuro e mais curto, rente à cabeça. Seus braços e peito estavam tatuados, e seu corpo tão perfeito que, se eu olhasse de perto, quase parecia entalhado em mármore.

Eu não conseguia parar de olhar para ele. Meus olhos não queriam mais nada além de explorar as montanhas e vales de seu corpo impressionante.

Isso era uma piada de mau gosto?

Aquele não era o Landon!

Mas era sim.

Com o polegar e dedo do meio, fiquei aproximando e afastando a imagem, examinando os detalhes das tatuagens em seu peito e braços. Realmente não há nada mais sexy que um cara com braços perfeitos e fechados de tatuagens.

Embora seus lábios parecessem mais cheios do que eu me lembrava, eles ainda se curvavam em um sorriso familiar que exalava confiança. Os olhos e o sorriso eram os únicos traços do garoto que eu lembrava. Eu quis mergulhar na tela para cheirá-lo, tocá-lo.

— Ei, Landon — sussurrei, falando por um minuto com o garoto lá dentro, não com o homem na minha frente.

Esse Landon era o exato oposto da imagem de coxinha da Ivy League que eu tinha imaginado. O único diploma que o homem na foto poderia ter era de malandragem. Ele parecia um rockstar, um rebelde, com um ar excitante de perigo — alguém que deve ter tido todo tipo de mulher babando em cima dele, simplesmente porque não podiam tê-lo, ou não *deveriam* tê-lo. De repente ficou claro por que, como ele havia dito, uma mulher poderia implorar a ele por sexo. Isso me fez pensar se ele tinha tatuagens secretas em lugares que eu não poderia ver.

Deus.

Material com direitos autorais

Um fogo estava queimando dentro de mim e eu sabia que era minha quedinha se tornando uma obsessão completa.

Uma vergonha tomou conta de mim. Se eu estava com medo de mostrar uma foto minha antes, agora eu realmente estava tremendo.

A mensagem que veio junto dizia simplesmente:

> Agora me mostre você.

Material com direitos autorais